

ARACY ESTEVE GOMES/DIVULGAÇÃO

Laura Fernandes

REPÓRTER

laura.fernandes@redebahia.com.br

Mulher que usou biquíni quando nenhuma outra tinha coragem e dirigiu numa época que só os homens faziam isso, Aracy Esteve Gomes, 97 anos, se formou na primeira turma de matemática da Bahia e fez da fotografia um hobby. Parte do seu acervo está reunido no livro *Entre Imagem e Escrita: Aracy Esteve Gomes e a Cidade de Salvador* (Edufba/ R\$ 60), que será lançado hoje, às 10h30.

O evento virtual faz parte do 21º Congresso de Pesquisa, Ensino e Extensão da Universidade Federal da Bahia, que acontece até sexta-feira com atividades online. Entre elas, um bate-papo mediado pelos organizadores do livro, Junia Mortimer (PPGAU/Ufba) e Washington Drummond (Pós-Critica/Uneb), e participação dos autores Renata Marquez (UFMG), Eduardo Costa (Fauusp) e Breno Silva (IFMG).

“A fotografia era o hobby dela, vivia com a máquina no pescoço. Digo que minha mãe foi matemática por opção e fotógrafa por paixão”, revela a enfermeira Nuria Esteve Gomes, 66, filha de Aracy. Boa parte das imagens feita entre as décadas de 1950 e 1960 estão reunidas no livro que mostra a cidade de Salvador a partir do acervo familiar de Aracy, especificamente dos dez álbuns que ela mesma confeccionou para os filhos.

“Ficamos envaidecidos com o livro, porque ela está sendo reconhecida, esse pioneirismo como mulher que começou há tantos anos. Naquela época, era muito difícil galgar algo diferente como fotografar”, lembra Nuria. Seu avô, o espanhol José Esteve, foi quem ensinou Aracy a fotografar. Ele próprio aprendeu a tirar fotos porque queria mandar notícias para a família na Europa.

Sua filha não só aprendeu como criou seu estúdio de revelação dentro de casa, no Barbalho. Aos 90 anos, Aracy teve sua primeira exposição individual na Pinacoteca de São Paulo junto com imagens do pai. Os negativos em vidro e as imagens em preto e branco guardadas em sua casa serviram como fonte de pesquisa para os autores.

“Eles fuçaram tudo, entraram em meus armários”, gargalha o arquiteto Arlindo Esteve Gomes, 70, primogênito de Aracy. Ele lembra que nos anos 1950 sua mãe “tinha um carrão e saía por aí tirando foto na Rolleiflex” e “através das fotos, é possível observar um comportamento de época”: “Você vê como as pessoas vestiam, vê arquitetura



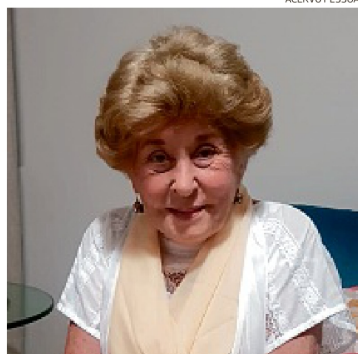
A região do Elevador Lacerda na época da urbanização pós-aterramento do Comércio

ARACY ESTEVE GOMES/DIVULGAÇÃO



A família sempre esteve no foco da baiana

ACERVO PESSOAL



Aracy Esteve Gomes tem 97 anos

Memórias de uma pioneira

Fotografia Aracy Esteve Gomes tem acervo registrado em livro com lançamento hoje



ras, mobiliário. Está sendo um fechamento com chave de ouro da trajetória dela”.

REGISTRO DA CIDADE

Nascida em Santo Antônio de Jesus e criada em Amargosa, Aracy teve suas fotos e cartas escritas para a família usados como mote para explorar a história de Salvador, onde mora desde 1934. Diálogo entre arquitetura e urbanismo, história e fotografia, o livro amplia os horizontes e mostra a cidade a partir das lentes dela e seu íntimo familiar.

“O que achei muito rico foi justamente que tinha ali, em uma prática fotográfica que não era necessariamente descritiva da cidade, indícios de cidade. Eram apresentados em uma cena familiar, em um restinho de edifício que aparece ao fundo. Me interessava essa prática familiar, de uma fotografia amadora e a cidade aparecendo ao fundo”, destaca a idealizadora do projeto, a professora Junia Mortimer, 37.

O livro mostra a complexidade da relação de um sujeito feminino com o espaço urbano. Tudo isso a partir das imagens feitas por uma mulher que usava maiô transparente, dirigia e tinha outros “hábitos que desviavam dos horizontes de expectativa social”, sinaliza Junia, sobre a fotógrafa que também fazia parte da construção do feminino acolhedor e maternal na relação com os filhos.

“A cidade aparece pelas práticas sociais. O que a gente percebe não é unânime, porque são vários pesquisadores, mas é como se essa prática fotográfica de alguma forma franqueasse a ela uma prática urbana. Uma prática de cidade que talvez não fosse muito comum para as mulheres naquele momento”, destaca Junia. “O que se tornou interessante foi essa complexidade”, acrescenta.

Autor de uma tese de doutorado sobre a fotografia de Pierre Verger (1902-1996) e professor de História da Uneb, Washington Drummond, 60, destaca a construção da memória a partir do visual, nos anos 1960. “Hoje, a gente tem terabytes. Mas nos anos 60, era uma coisa rara construir uma memória afetiva a partir de uma máquina. É um livro muito bonito e acessível”, compara.